Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades, Brasília, n. 6, p. -538-552, Ano 2016.
ISSN 1982-8640.

Betina como Bildungsroman

Dalva Martins de Almeida

Resumo

O livro infantil *Betina*, (2009), de Nilma Lino Gomes se constitui como uma narrativa de formação que tem por protagonista uma menina negra. As ilustrações, parte importante de obras dirigidas às crianças, corroboram essa interpretação ao apresentar uma evolução dos traços fisionômicos da protagonista. *Betina* constrói sua identidade adulta abraçando as referências culturais de sua comunidade, em uma trajetória bem sucedida de formação.

Palavras-chave: *Bildungsroman* feminino, literatura negra, literatura infantil

I. Cotidiano de um corpo não "abjeto"

Para a assunção da construção da identidade da menina negra a partir dos discursos narrativos, recorre-se, em princípio, ao que afirma Vera Maria Tietzmann Silva (2009):

> No tema da identidade, a autoimagem também inclui o tamanho. Crescer envolve passagem, sofrimento, abandono do mundo infantil e enfrentamento das responsabilidades do mundo adulto. O medo de crescer e de sair da tutela dos pais tem fundas raízes no imaginário, e as narrativas infantis dão forma essa ansiedade (TIETZMANN, 2009, p. 56).

Na narrativa, a personagem realiza todas as atividades que uma menina faz: brinca de pular corda com suas amigas, de boneca, de roda. Ela frequenta uma escola, tem uma família presente. Curiosamente, embora nos contos clássicos o final feliz através do casamento, em *Betina* o cotidiano é o fio condutor de sua trajetória enquanto ser humano.

Como representação da menina negra, a construção da identidade de *Betina* se contrapõe ao corpo abjeto proposto por Butler (2002). O sujeito descentrado e fragmentado citado por Hall (2003), ou mesmo o sujeito "fraturado" em oposição a

um sujeito "unificado, central e solar" estudado por Luís Costa Lima (2000, p. 84), dialogam com a identidade do sujeito menina negra. E isto ocorre porque a visão que se quer formar da menina negra, na contemporaneidade, parte da necessidade de situá-la como ser pertencente e atuante no espaço social que ocupa, um sujeito.

Essas características delegadas ao sujeito menina negra podem classificá-la como um ser em constante evolução, um vir a ser diferenciado daquele modelo negativizado presente no racismo à brasileira, embutido no mito da democracia racial. Assim, pensar o cotidiano da menina negra possibilita redimensionar o modo de sua representação na sociedade.

A representação da menina negra a partir da narrativa *Betina,* expressa-se no modo como suas experiências enquanto ser humano foram construídas. Como assevera Costa Lima (2000, p. 110), "a representação de um objeto está relacionada à sua experiência". E esta experiência relaciona-se ao cotidiano estudado por Michel de Certeau (2014). O autor de *A invenção do cotidiano* reflete, de maneira inaugural, como a cultura em uma sociedade se constitui por movimentação e relativização das noções de verdades estabelecidas. Este trabalho se constituiu a partir de pesquisa realizada pelo autor entre 1974 a 1978, e narra os eventos culturais ordinários, corriqueiros. Eventos que são, simultaneamente, movidos pelas relações sociais resistentes.

Então, em *Betina*, as experiências cotidianas podem ser consideradas elementos que confrontam o modo como a menina negra vêm constantemente sendo representada. A valorização da vida diária e doméstica da menina negra pode redimensionar o modo de ver a pessoa negra na sociedade, não mais como passivo consumidor da cultura dominante.

Ou seja, dialogando com Certeau (2014, p. 38), "o cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada". Assim, pensar a importância da vida cotidiana de Betina implica ressignificar seu espaço social e, no diálogo com Certeau que propõe uma "combinatória de operações que compõe uma cultura e

exumação dos modelos de ação", perceber o modo de agir nos espaços sociais para esta conquista.

A valorização dos eventos da vida de Betina é um possível caminho para reverter o modo como a menina negra ordinariamente é representada nos espaços midiáticos e culturais. Embora a narrativa seja construída em terceira pessoa, há uma preocupação em evidenciar um espaço considerável de diálogo entre Betina e sua avó. Tomando aqui o conceito de "tática" usada por Certeau ("a tática só tem por lugar o outro" (p. 45)), as relações sociais e afetivas que a protagonista Betina estabelece com os grupos sociais dos quais participa (amigos da rua, escola, família, comunidade) dão um tom diferenciado à conquista de um espaço ressignificado de representação étnica.

Deste modo, em suas "práticas de espaço", Betina é uma menina negra que brinca, tem uma boneca preta, anda muito limpa e bem vestida, cabelos sempre alinhados e bonitos, tem uma família, tem amigos, é participativa na escola. Reage com firmeza à manifestação de preconceitos que lhe imputam na escola. É possível que a narrativa *Betina* represente um meio de redimensionamento do olhar sobre a pessoa negra, cujos conceitos se deslocam de passivos para sujeitos pertencentes e atuantes na sociedade. Isto resulta que a identidade negra é um construto "social, histórico, cultural e plural", como assevera Gomes (2005, p. 42).

II. Aproximações: conto infantil e bildungsroman feminino

Na narrativa, a vida da protagonista Betina é retratada da infância à fase adulta. E, como adulta, ela é um sujeito autoconfiante e conectado na relação com o outro. Esta atitude autoral em dar autonomia e voz a uma protagonista negra pode sugerir uma quebra de paradigmas. E essa quebra constitui-se na ponta de um novelo que deve ser desenrolado e articula-se com a indagação: Sob quais perspectivas narrativas *Betina* é uma narrativa de formação?

Para Massaud Moisés (2013, p. 57), um romance de formação é uma "modalidade de romance", tipicamente alemã, que "gira em torno das experiências que sofrem as personagens durantes anos de formação ou de educação, rumo da maturidade, fundada na ideia de que a juventude é a parte mais significativa da vida. " E, ao que consta, esse é um conceito de romance de formação tradicional.

Como classifica Bakhtin (2011, p. 219), um personagem do romance de formação ou de "educação" contrapõe-se àquele personagem fixo, pronto, do romance tradicional. No romance de formação, a produção da imagem de homem varia e ganha significado no enredo. Para tal, a categoria tempo se "interioriza dentro do homem". Assim, no entendimento de Bakhtin: "A formação do homem pode, entretanto, ser muito diversificada. Tudo depende do grau de assimilação do tempo histórico real".

Em seus estudos, Bakhtin indica cinco tipos de romance de formação. O primeiro é o tipo cíclico-idílico baseado nas fases ou nas idades do homem, cuja período de formação pode se dar da infância à juventude, da fase adulta à velhice. O segundo tipo está também ligado à idade do homem, mas de modo menos estreito. Diz respeito ao idealismo que ocorre da fase juvenil à adulta. Trajetória que oscila entre o ceticismo e resignação. A representação da vida se dá como aprendizado, como experiência, como escola.

Há também o tipo de romance de formação biográfico que, independente da questão cíclica, a formação se dá como resultado das condições de vida e de acontecimentos. Como assume Bakhtin, "a formação da vida-destino se funde com a formação do próprio homem" (BAKHTIN, 2011, p. 221). O quarto tipo apontado é o que se constitui no elemento puramente didático-pedagógico, ou seja, o processo educacional propriamente dito. No quinto modelo, por sua vez, "a formação do homem se apresenta em indissolúvel relação com a formação histórica". Esse modelo sobrepuja os demais porque a formação do homem está condicionada à

relação história-realidade-necessidade. Há uma projeção dessa formação desvelando-se no tempo, atrelada ao caráter cronotópico.

A perspectiva que se abre no quinto tipo de romance de formação em Bakhtin diz respeito à relação mudança homem-mundo. Ou seja, se nos primeiros quatro tipos a transformação do homem tinha por fundo um mundo estático e pronto, as mudanças poderiam ser consideradas acessórias. Não havia uma interferência substancial no mundo da personagem. No quinto tipo, por sua vez, a mudança baseia-se na relação de interdependência homem-mundo, cuja transformação se dá concomitantemente.

Como essas características narrativas ecoam em *Betina*? Em que aspectos a obra se aproxima ou se afasta de uma narrativa de formação? Por ser um conto infantil, *Betina* traz um encantamento visual que expõe uma infância suave, protegida, prolongando-se até a fase adulta.

Então, Betina é uma protagonista negra que tem toda sua vida desvelada pela narração. Sua luta pela afirmação da pessoa negra começa na infância. Assim, um primeiro aspecto a ser considerado aqui é o tempo histórico real. O tempo é um tema bem relatado em *Betina*, quer pela narrativa visual, quer pela narrativa escrita. As modalidades do romance de formação levantadas por Bakthin se exemplificam em *Betina*: pode ser notado que cada fase de sua vida é valorizada.

A infância de Betina é marcada por momentos idílicos representados nas brincadeiras de rua, nas cirandas e cordas, nos cuidados da avó, na ida para a escola. A capa do livro, observada na figura 1, mostra uma menina sentada, com brinquedos ao redor, segurando uma boneca preta. Ao que parece, a menina negra representada está sentada em um chão de um cômodo de sua casa, com a cabeça inclinada parecendo estar em contato com mais alguém que não está na cena. A cena mostra a infância, momento especial na formação da pessoa humana. E a infância de Betina é criteriosamente representada: a menina tem momentos de

brincadeiras com amigas, tem um bom convívio com a família, é uma criança que aprende a se valorizar como pessoa negra desde cedo.

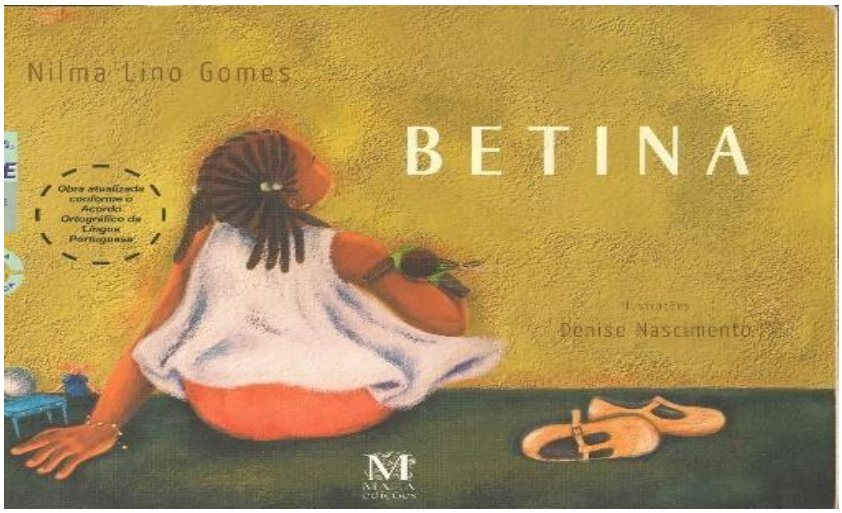
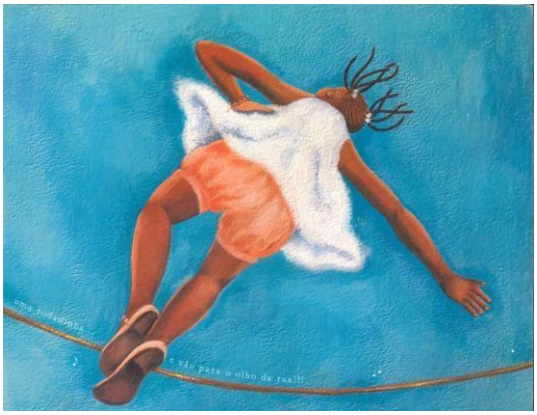


Figura 1: Capa de *Betina* (2009). Menina negra sentada. Suas tranças, seus brinquedos, seus sapatos.

Cada fase da vida da vida humana traz aprendizagens específicas. A infância de Betina encerra um princípio de formação importante para a protagonista em sua construção como sujeito pertencente a uma comunidade. A narrativa, enquanto exemplo de modelo cíclico-idílico, procurou enfatizar cada fase da vida da protagonista. Com isso, é possível observar uma trajetória de crescimento da menina em adolescente, depois em adulta. E o principal: a constatação de que a construção da identidade de Betina como pessoa negra começa na infância.

A marcação do espaço-tempo na narrativa de *Betina* é construída com a contação dos fatos que ornaram a infância da menina. Na narrativa, a protagonista aparece brincando no espaço fora de casa e, logo nas primeiras páginas, canções e cirandas são cantadas, enquanto a avó observa o modo de deslocamento da menina, que pula corda feliz, na medida em que o tempo passa. Essa cena pode ser observada nas páginas iniciais até a página 5, conforme figuras 2 e 3 abaixo:



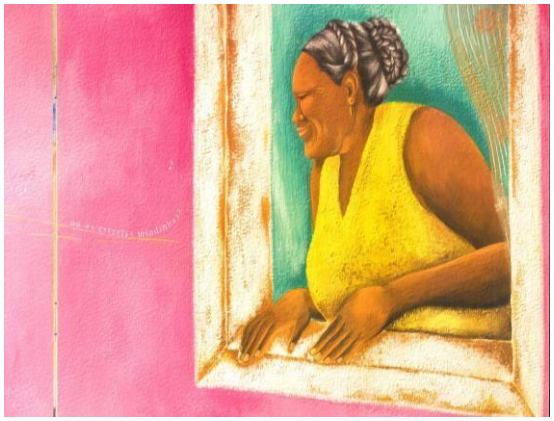


Fig.: 2e 3 Fonte: Denise Nascimento: *Betina* brincando no quintal, enquanto sua avó observa.

Leite (2012, p. 166) propõe o termo "interdiscursividade" para expressar, entre outros, as variantes na literatura africana no trato ou contexto da oralidade. E essa condição é observada na produção da diegese em estudo, quando a narradora de *Betina* imprime um tom prismático ao construir o texto, tanto verbal quanto visual. E de acordo como o *Minidicionário Aurélio: o dicionário da língua portuguesa* (2004, p. 654), "prismático" pode ser compreendido por: "sólido em forma de prisma, geralmente triangular, feito de vidro ou de outra substância transparente, usado para dispersar ou refratar a luz. "

Então, na diegese de *Betina*, os discursos verbais e visuais interagem e produzem uma narrativa repleta de significações, evidenciando, inclusive, na técnica usada na ilustração que remete à técnica pastel. A técnica do pastel, segundo Ray Smith (2008, p. 77), consiste em uso de "pigmento de pouca aderência, e embora utilizada desde os séculos XV e XVI, "atingiu seu estatuto no século XVIII pela maestria de Edgard Degas".

Segundo Smith (2008, p. 77), a característica principal do pastel é a sua pouca aderência às superfícies, necessitando de manejos para tentar sustentar o pigmento. Essa peculiaridade do pastel, ou seja, sua efemeridade, pode ser observada na construção da narrativa visual em *Betina*, cujas figuras transbordam-se em

transparência, cor e luz. Assim, entre outros aspectos, a narrativa colore-se de tradição e de tempo, de interior e de intimidade.

Para Martine Joly (2003, p. 59), a imagem é um modo de "interceder no umndo". E um dos exemplos dessa intercessão na narrativa visual em questão é a presença da roupa branca e esvoaçante de Betina. A suavidade proposta pelo traçado da técnica empregada promove a sensação de leveza e de fugacidade e, ao mesmo tempo, de profundidade. A perspectiva que se cria com a imagem da figura 7 é de gradação de claridades, de textura, de cor, e evidencia contextos em que os espaços e as personagens se desenvolvem.

Ou seja, como meio de fixação do mundo real onde desfilam os acontecimentos, os discursos visuais e verbais se complementam e reforçam a ideia de tempo vivido na infância de Betina. Esse entrecruzar de conto fabular e realidade é expresso na narrativa através de sentenças que revelam o passado de Betina. Ao contar o modo como aconteceu a infância de *Betina*, há indícios de que a narração procura apresentar um espaço e tempo de educação, crescimento e de felicidade em família como meio favorável para a construção de uma identidade negra feminina. A infância bem resolvida de Betina, conforme ilustra a figura 4, expõe a preocupação em projetar nesta fase da vida, os compromissos da pessoa negra.

Fig: 4. Fonte Denise Nascimento. O ritual de trançar os cabelos, em *Betina* (2009, p. 7).

Com isso, são anunciados em diálogos bem marcados entre avó e neta, momentos de aprendizado: "- Ai! Ui! Vó! – reclamava a menina. " E sua avó respondia: "- Que é isso, Betina? Estou penteando com tanto cuidado! " (GOMES, 2008, p. 6).

Então, o ato de identificar em *Betina* aspectos da narrativa de formação, começaria por observar que toda a preocupação do eu enunciador está em fixar as fases da vida da protagonista, valorizando a experiência de cada idade ou fase de sua vida. Desse modo, elementos do romance de formação se apresentam na narrativa *Betina*, que aborda as fases da vida da protagonista, revelando a pessoa idealista que ela se tornou, a aprendizagem que a vida lhe proporcionou, no cumprimento do seu destino.

Desse modo, cita-se o pronunciamento do eu enunciador:

> O dia de fazer penteado novo era especial. A avó tirava as tranças ou o coque antigos, lavava o cabelo da neta, passava creme para desembaraçar, desembaraçava, lavava de novo e secava com a toalha. Nessa última etapa, o cabelo já não tinha mais creme. Depois de todas essas etapas, a avó sentavase em um banquinho, colocava uma almofada para Betina sentar-se no chão, jogava uma toalha sobre os ombros da menina, dividia o cabelo em mechas e ia desembaraçando, penteando e trançando uma a uma, com rapidez incrível (GOMES, 2008, p. 6).

A infância, o espaço cíclico da primeira formação de Betina, é marcada pela relação de aprendizagem avó-neta. E isto se nos revela vários discursos lúdicos representados no momento da trançagem dos cabelos, quando a ancestralidade se reverte em tema de aprendizagem, na tradição oral cultuada pela avó: "Enquanto trançava, avó e neta conversavam, cantavam e contavam histórias. Era tanta falação, tanta gargalhada que o tempo voava! E, no final, o resultado era um conjunto de tranças tão artisticamente realizadas que mais parecia uma renda" (GOMES, 2008, p. 6).

Com esta inserção, o eu enunciador fixa os acontecimentos da vida de *Betina*, que delimitam o espaço de aprendizagem da cultura africana e promovem a noção de pertencimento da pessoa negra. Esse aprendizado se prolonga, ao que parece, durante a fase da adolescência até quando a protagonista alcança a vida adulta. E esses fatos são bem demarcados na narrativa verbo-visual. O eu enunciador desfila os eventos da história de Betina através de uma linha temporal linear.

Vida e morte são presentes na narrativa de um modo especial. As ilustrações propõem um olhar para o infinito, para o futuro. Vida e morte se cruzam na linha do horizonte. A passagem do tempo está escrita no crescimento físico da personagem que se contrapõe ao declínio do corpo da avó. E, mais uma vez, a avó ensina à neta que a morte é o encontro com os ancestrais. Nas palavras da narração, o tempo escorre: "Sua avó foi envelhecendo... envelhecendo" (GOMES, 2008, p. 12). Ver figura 5 abaixo:

Nas palavras da avó, a adolescente Betina aprende que em um lugar chamado África viveram seus ancestrais e, que após a morte, esperarão por elas. Esses ancestrais "deixaram ensinamentos e muitas histórias de luta" (p. 12). As palavras da avó são os ensinamentos que germinam na protagonista o idealismo pela luta, a "força e a coragem" e a certeza que os ancestrais estão representados em suas vidas.

Ao que parece, com lirismo e determinação, a intenção autoral flui nas páginas para, entre outros, demonstrar que a pessoa negra possui uma tradição forte e inspiradora. Aqui encontramos também o processo educacional propriamente dito e a evidência da relação história-realidade. Assim, na figura adiante, quando avó e neta procuram desvendar os mistérios da vida, pássaros sobrevoam o céu azul e as suas cabeças. A textura impressa em suas asas remete ao geometrismo que orna os tecidos africanos. Essa sutileza da narrativa visual instiga à reflexão de que a aprendizagem da menina negra *Betina* está envolvida em um complexo esquema de tradição cultural e repertório sócio-histórico.

Tendo em vista o cumprimento dos aspectos que aproximam *Betina* da narrativa de formação, é possível que as figuras 5 e 6, abaixo, deem essa visão. E, ainda, propõem a reflexão quanto ao desenvolvimento e o aprendizado da protagonista, que se seguiu da adolescência à vida adulta.

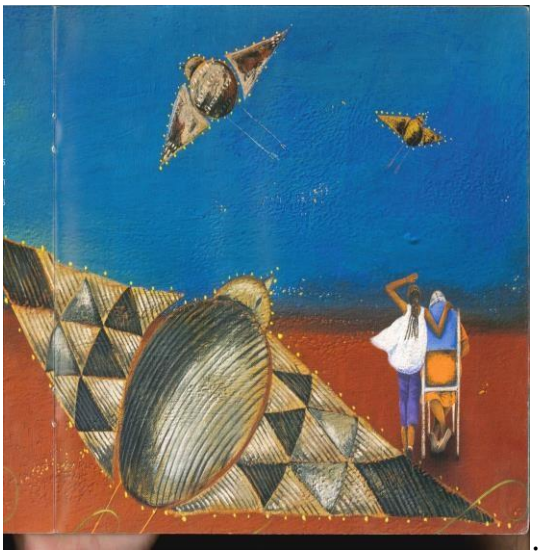
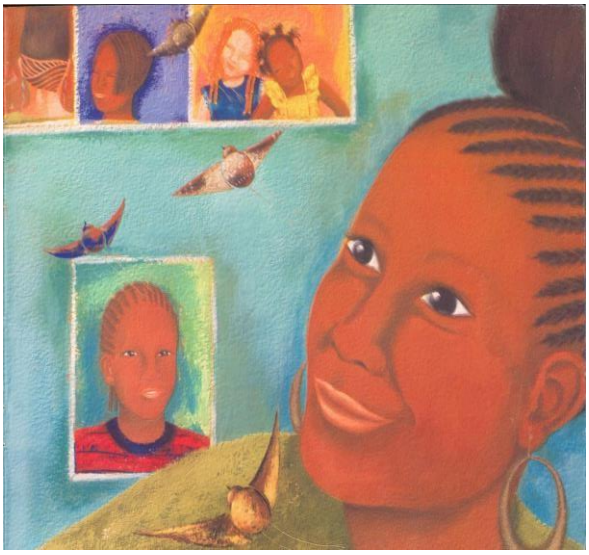



Fig.: 10. Figura: 5 A passagem do tempo. Figura: 6. Betina adulta, em *Betina,* p. 15 e 19.

Segundo informações do eu enunciador, "o tempo voou mais um pouco. Daquele dia em diante, a avó passou a ensinar Betina a trançar". E finaliza: "Mas, além de crescer, a nossa Betina-menina-trançadeira virou Betina-mulher-cabeleireira" (p. 18). Portanto, ao pensar na trajetória de Betina enquanto pessoa negra, pertencente a um grupo étnico, é possível concordar que na narrativa a protagonista promoveu o seu desenvolvimento como pessoa, como sujeito. E que essa transformação se deu pelas experiências formadoras vivenciadas por Betina.

Não obstante as linhas gerais usadas como parâmetro para o entendimento da narrativa de formação, segundo o pensamento de Bahktin, é possível dialogar com algumas estudiosas do romance de formação, e observar outros aspectos que aproximam o conto infantil *Betina* à narrativa de formação. Isto inclui os estudos de Maas[1] e de Schwantes (2010)[2] .

Desse modo, importa citar o que afirma Schwantes (2010, p. 105) sobre a dificuldade de se conceituar o romance de formação. Segundo a pesquisadora, o

[1] MAAS, Wilma Patricia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo:* o Bildungsroman na história da literatura. UNESP, 2000.
[2] SCHWANTES, Cíntia. *Narrativas de formação contemporânea:* uma questão de gênero.São Paulo, 2010.

motivo principal, deve-se de algum modo, à sua própria especificidade que é a de "narrativizar o processo de formação de um (a) protagonista", devido, entre outros, às especificidades de cada grupo social. Isto porque, segundo a mesma: "o meio social no qual o romance de formação é escrito e recebido tem um impacto muito grande sobre sua escritura".

A narrativa em estudo, *Betina*, partilha dessa definição por construir uma personagem duplamente significativa: é mulher e menina. É fácil concordar que o conto *Betina,* dessa forma, aproxima-se das narrativas de formação. A temática desenvolvida e o tipo de personagem representado impactam também pela subversão ao modelo tradicional de romance de formação. Isto inclui pensar, inclusive, como argumenta Schwantes, sobre a lista de eventos que compõe um romance de formação, conforme os estudos de Dilthey, citados por ela (SCHWANTES, 2010, p. 106).

A "lista" representa eventos que, somados, permitem ao protagonista "conhecer as regras da sociedade". Entre os componentes da lista, destaca-se a possibilidade de viagem para expansão do conhecimento e a presença de um mentor, que no caso do romance de formação tradicional, segundo a pesquisadora, "trata-se de um homem mais velho que toma o protagonista sob sua proteção" (SCHWANTES, 2010, p. 107).

Em *Betina,* igualmente, aparecem esses elementos ressaltados no romance de formação tradicional. Quando criança, adolescente e jovem, Betina teve como mentora a sua avó. A avó representou o elo entre a menina com sua ancestralidade, com sua tradição e culturas africanas. Em uma das palestras que a protagonista, quando adulta, profere, ela responde a uma ouvinte que aprendeu a trançar os cabelos com sua avó: - "Foi minha avó – e seus olhos se encheram de saudade" (GOMES, 2008, p. 20).

III. Formação e subversão

Dialeticamente, *Betina* se aproxima da narrativa de formação e, com a mesma intensidade, a subverte. Isto se dá porque, ao se tratar de protagonista feminina, complexificam-se as características do gênero. Assim, é possível concordar com Schwantes (2010, p. 107) e afirmar que *Betina*, como protagonista, "trafega duplamente na contramão da tradição".

E essa subversão em *Betina* está visualizada, principalmente, por se tratar da formação de protagonista mulher, negra e, ainda, menina. Ao mesmo tempo, observa-se o esforço da narradora em promover a construção de uma personagem negra importante na sociedade da qual faz parte. Essa escolha na narrativa é, antes de tudo, política. A esse respeito, é preciso lembrar o que propõe Maas (2000) quanto à apropriação do *Bildungsroman* à brasileira, na crítica feminista.

Como acontece nas narrativas de formação pós-coloniais, que contemplam o processo de formação de personagens que fazem parte de uma minoria, Betina subverte o gênero tanto formal quanto ideologicamente. Essa projeção de *Betina-menina-negra* em *Betina-mulher-negra* rompe com a marcação ideológica da construção da identidade da pessoa negra na sociedade brasileira, embutida no mito da democracia racial.

Referências

BAKTHIN, Mikhail. *Estética da criação verbal.* Trad. Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes. *Cadernos Pagu* 11, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* artes de fazer. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOMES, Nilma Lino. *Betina.* Ilustrações de Denise Nascimento. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

_____. *Sem perder a raiz:* corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. *A mulher negra que vi de perto.* 2. ed. Belo Horizonte: Mazza edições, 1995.

_____. (Org) *Um olhar além das fronteiras*: educação e relações sociais. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e escritas pós-coloniais*: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

LIMA, Luís Costa. *Mímesis*: Desafio ao pensamento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. O romance de formação (Bildungsroman) no Brasil. Modos de apropriação. *Caminhos do Romance* (2005).

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infantil brasileira*: um guia para professores e promotores de leitura. 2. ed.Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SMITH, Ray. *Manual prático do artista*. Trad. Luiz Carvalho e José Francisco Vidigal. São Paulo: Ambientes e Costumes, 2008.

SCHWANTES, Cíntia. Narrativas de formação contemporânea: uma questão de gênero.

In: *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. DALCASTAGNÈ, Regina e LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (org). São Paulo: Horizonte, 2010.